

Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938)

CDD. 20.ed. 796.08
797.123

Marcelo COERTJENS*
Cesar Barcellos GUAZZELLI**
Cláudia WASSERMAN**

*Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo

O nacionalismo, característico do período entre guerras, 1918-1939, marcou diferentes aspectos políticos sociais, possíveis de serem verificados tanto na esfera regional como mundial. Em função disso, o propósito desta pesquisa foi identificar o discurso nacionalista vinculado a prática do remo, a partir de revistas publicadas em 1930 e 1938 pelo Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre (GPA); analisar o significado e conseqüências desse discurso para a comunidade teuto-brasileira freqüentadora do GPA e sua relação com o contexto nacional e internacional durante o período entre guerras. A fonte primária utilizada nesta pesquisa foi obtida através de consultas ao acervo do clube e de arquivos pessoais de antigos remadores. Podemos compreender através deste trabalho que o nacionalismo difundido pelas revistas do GPA revelavam a preocupação de seus dirigentes com a afirmação identitária durante um período de elevada oposição a outras identidades étnicas que não fossem a brasileira. Criado para a prática do remo e de outros esportes aquáticos e terrestres, o GPA atuava, desde a sua criação, nos moldes do associativismo teuto-brasileiro.

UNITERMOS: Nacionalismo; Identidade étnica; Teuto-brasileiro; Associativismo; Turnen; Getúlio Vargas; Remo.

Introdução

Na década de 30, as atividades esportivas, em Porto Alegre, eram organizadas, principalmente, por sociedades de origem alemã intensamente freqüentadas. Essas sociedades caracterizavam-se pela importância dada ao culto da saúde do corpo e da mente, à educação moral da juventude, à obediência às autoridades, à valorização das raízes germânicas e à construção de uma forte nação brasileira. Havia a preocupação por um ideário nacionalista associado com a prática de algum esporte e, no caso do Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre (GPA), o remo. A prova disso encontra-se nas revistas esportivas publicadas pelo Clube em 1930 e 1938.

A utilização dessa associação entre o discurso nacionalista e a prática esportiva remonta o final do século XVIII e início do XIX, nos pequenos estados que, anos mais tarde, formaram o Estado alemão. Nesse período, as noções de unidade pátria e

povo foram idealizadas, entre outras coisas, através do esporte. Isso aconteceu com o objetivo de fomentar a resistência “alemã” contra as invasões napoleônicas e, mais tarde, intensificar o processo de unificação do Estado alemão. Considerava-se que o exercício físico regular contribuía para o processo de disciplinização e militarização da sociedade, principalmente, dos jovens. Esse ponto de vista ficou conhecido sob o nome de “Turnen”, “ginástica”, inserindo-se perfeitamente o esporte num contexto social e político mais complexo.

No Brasil, o processo de implantação e consolidação do Estado nacional burguês, visou, entre outras coisas, a criação de uma identidade nacional e a integração dos diferentes grupos sociais existentes no país através de medidas institucionais na educação e nos desportos. Este processo esteve inserido em um contexto mais amplo observado no desenvolvimento histórico do

nacionalismo no mundo, entendido como um termo que possibilita a compreensão da implantação e legitimação dos Estados-nações, cujo auge ocorreu no período entre guerras. Compreender o papel que o esporte adquiriu nesse processo, justifica, dessa forma, os objetivos deste trabalho que se destina a identificação e a análise do discurso nacionalista encontrado nas publicações do GPA em 1930 e 1938 relacionado com os diferentes aspectos sociais, políticos e técnicos implicados com a prática do remo por uma comunidade teuto-brasileira freqüentadora do clube durante o período entre guerras.

Dessa forma, a razão que me leva a considerar o estudo do nacionalismo como sendo importante na pesquisa de um clube de remo em Porto Alegre, se deve ao fato do esporte conter, além dos aspectos técnicos e fisiológicos característicos, elementos sociais e políticos historicamente definidos, por refletir aspectos de um determinado período e contexto, ou seja, por não ser apenas uma simples ação mecânica, por revelar em suas formas de organização, regras e conceitos, elementos que constituem a visão de mundo de uma sociedade ou de um grupo social em um determinado momento.

Isto significa que o esporte estará sendo analisado nesta pesquisa, enquanto uma prática com objetivos sociais bastante claros de integração de indivíduos de diferentes características em torno de um território e uma cultura nacional, patrocinados por um Estado. Toda essa problemática possui um significado histórico.

Esses elementos são característicos do período de entre guerras, onde acontecem, internacionalmente, a intensificação da propaganda estatal em nome da Nação, com o objetivo de eliminar as diferenças regionais de etnia e cultura existentes dentro de seus territórios. Em alguns países da Europa, essas diferenças passaram a ser criticadas e responsabilizadas pelos fracassos e derrotas ocorridos na Primeira Guerra Mundial. Além disso, o fortalecimento do Estado foi uma forma de reconstruir e proteger uma nação desgastada pela guerra e

um governo enfraquecido frente ao perigo da esquerda em rápido crescimento político.

Nesse período, o Brasil vivia o processo de consolidação do Estado nacional burguês, a partir da Revolução de 1930, com Getúlio Vargas dirigindo a economia e desenvolvendo mecanismos de controle estatal sobre outros setores da sociedade, principalmente, a educação e o desporto. O novo Estado brasileiro criava instituições, leis e regulamentações que ampliavam a participação e o controle estatal na vida das pessoas. A proposta de Vargas representava uma alternativa contrária ao modelo oligárquico deposto em 1930. Essa proposta procurou criar e legitimar uma cultura nacional, independente das complexidades culturais que existiam. A partir daí, a idéia de um Brasil e uma cultura brasileira se fortalecem e a normatização estatal mostra-se um veículo indispensável.

As complexidades culturais eram marcantes em todo o país e, no Rio Grande do Sul, se acentuaram, ainda mais, com a vinda de imigrantes europeus a partir do século XIX. Esses grupos tinham uma preocupação bastante forte com a manutenção da identidade cultural original. Nesse sentido, o associativismo manifestou-se como um importante mecanismo de preservação da identidade étnica, fato observado, principalmente, nas comunidades teuto-brasileiras. A participação dos grupos étnicos em clubes, associações religiosas, esportivas, recreativas, musicais, etc., serviu como uma forma de institucionalizar a preservação das origens culturais. O caso do GPA nessa pesquisa serve de exemplo dessa institucionalização.

Portanto, o conteúdo das revistas esportivas do GPA reflete esse contexto. Para compreender seu significado, torna-se indispensável entender os aspectos sociais e políticos envolvidos com o nacionalismo do período. Existe a preocupação por parte da direção do clube, dos produtores das revistas e daqueles que assinam os artigos, em deixar claro a importância e o posicionamento da associação frente ao nacionalismo brasileiro.

O esporte sob uma perspectiva nacionalista

A utilização de discursos esportivos para a difusão de idéias e sentimentos nacionalistas tem um significado histórico. Está relacionada com a identificação de um esporte com os interesses e desejos de um determinado grupo social que pode ser uma

etnia, uma classe, etc., ou um conjunto mais heterogêneo representado numa nação. Compreendo a nação como sendo uma entidade que insere-se no final de um processo de construção de símbolos e convenções de identificação nacional, ocorrido em

diversos países da Europa e da América, iniciado a partir do final do século XVIII até fins do século XIX e início do século XX (HOBSBAWM, 1990). Nesse contexto o esporte tornou-se um dos mecanismos do nacionalismo que contribuíram para a construção da identidade nacional.

A relação nação e nacionalismo faz parte de um período histórico recente. A nação é uma entidade social e política vinculada a uma forma de Estado territorial moderno. Isso ocorreu quando o modelo político e econômico do liberalismo entrou em crise sendo derrubado em diversos países da Europa e da América por uma postura centralizadora do Estado, a partir do final da Primeira Guerra Mundial. Nesse período, predominou o populismo de direita, com o Estado abrindo e assumindo inúmeras funções sociais com o objetivo de desenvolver, sob uma lógica capitalista, uma estrutura política que garantisse relativa independência econômica, competitividade internacional e identidade nacional.

Esses acontecimentos representaram a concretização e o apogeu do nacionalismo, cujas origens remontam o final do século XVIII, estando relacionado com a idéia de unidade territorial e política de um país dentro de um sistema que garantisse o desenvolvimento econômico interno. Para isso, foram necessárias a utilização e a construção de determinadas convenções e símbolos que possibilitaram a identificação nacional. Nesse processo, ocorreu a incorporação de um número cada vez maior de pessoas, principalmente, de classes populares e grupos étnicos diferentes em um projeto nacional. O termo nacionalismo utilizado por Eric HOBSBAWM define-o como sendo: “fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente” (HOBSBAWM, 1990, p.18). A expressão máxima desse processo aconteceu, a nível mundial, no período entre guerras.

Além dos aspectos esportivos, o desenvolvimento desse nacionalismo está relacionado, principalmente, com o desenvolvimento de mecanismos econômicos, administrativos, científicos, tecnológicos e políticos através do Estado. Esse assume políticas que visam legitimar e divulgar o seu poder: a comunicação de massa, o rádio, as grandes competições esportivas servem como um instrumento de propaganda do Estado e de uma cultura considerada nacional, fortalecendo e integrando os diferentes grupos sociais em torno de um imaginário nacional. A escolarização em massa e o desenvolvimento tecnológico dos meios

de comunicação contribuíram para a padronização da língua falada e escrita, aspectos que foram considerados fundamentais na constituição da identidade nacional. Em alguns países da Europa, a alfabetização em massa ocorreu no final do século XIX e, no Brasil, sofreu um impulso a partir do governo de Getúlio Vargas.

Se partirmos do princípio de que a nação pressupõe um conjunto de indivíduos que se consideram pertencentes a uma “nação”, poderemos entender, também, que a identificação nacional desses indivíduos não exclui outras formas de identificação social (HOBSBAWM, 1990). Essas podem ser exclusivas de um determinado grupo ou região de um país sem impedir o sentimento de “pertencimento” nacional.

Um grupo que se denomina brasileiro, por exemplo, pode muito bem conceber outras formas de identificação social. O fato de existir um grupo com um determinado sentimento nacional não impede a formação de outras formas de identificação. Além disso, o sentimento nacional não é permanente, modifica-se e está relacionado com o contexto histórico do momento. Ele poderá ser mais ou menos predominante de acordo com o período e os símbolos identificatórios (HOBSBAWM, 1990).

Exemplo disso é a colonização alemã no Rio Grande do Sul e a conseqüente formação de um grupo do tipo teuto-brasileiro. Nesse caso, observamos a valorização de uma cultura estrangeira dentro do Brasil, através de manifestações culturais organizadas com o objetivo de preservar a identidade de uma etnia num outro país. Isso ficou bastante problemático a partir do momento em que o Estado brasileiro passou a ver essa questão como uma ameaça a sua soberania e ao seu projeto nacional. As atividades a que essas organizações se dedicavam, especialmente os esportes, também sofreram ação do Estado.

Esse exemplo mostra a preocupação do Estado com aspectos relacionados a identificação nacional. Os esportes, nesse período, assumem um papel importante nesse processo. Eles proporcionam o rompimento das divisões entre as esferas privadas e locais para as esferas públicas e nacionais, de modo a tornar-se um símbolo de integração e unidade de diferentes grupos no Estado-nação (HOBSBAWM, 1990).

Os esportes proporcionavam, ainda, o fortalecimento dos ideais nacionais. As competições esportivas representavam, na rivalidade entre diferentes equipes, uma luta simbólica que reforçava o sentimento de pertencimento nacional. Segundo HOBSBAWM:

Entre as duas guerras, o esporte como espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que promoviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas (Hobsbawm, 1990. p.170).

Dessa forma, as equipes dos Estados-nações representariam, numa perspectiva bastante pequena, uma grande comunidade, cujos membros diferentes estão integrados numa mesma disputa. Suas competições proporcionariam o avivamento da idéia de unidade

política, de pertencimento a mesma nação, cujas características comuns foram construídas. Além disso, possibilitariam a reafirmação de diferenças entre os grupos de uma mesma nação, sem comprometer o sentimento nacional. Um exemplo disso são os campeonatos nacionais de futebol, onde diferentes times disputam e rivalizam a liderança da competição, sem deixarem de pertencer a mesma nação.

Essa idéia esteve presente na constituição da identidade brasileira ao longo do século XX, mas foi a partir do governo Vargas que as questões esportivas passaram a ter destaque nas políticas públicas. Antes, porém, o Estado brasileiro precisou reconhecer que o esporte organizado em clubes estava associado, num grande número de casos, por exemplo, no Rio Grande do Sul, há motivos de preservação de uma identidade étnica, diferente da brasileira.

A identidade teuto-brasileira nas sociedades esportivas de remo

As sociedades esportivas teuto-brasileiras, dedicadas a prática do remo, em Porto Alegre, na década de 30, eram formas institucionalizadas de identificação social. O associativismo e o cultivo do “Turnen”, espécie de orientação esportiva, foram mecanismos de manutenção da identidade teuto-brasileira, dessas sociedades e não significavam um impedimento ao desenvolvimento do nacionalismo brasileiro.

O associativismo encontrado nas sociedades das áreas de colonização alemã, foi um mecanismo de manutenção da identidade étnica. Nele, encontramos a valorização da cultura teuto-brasileira vinculada com a prática de algum tipo de atividade. No Rio Grande do Sul, as associações se dedicavam, geralmente, à prática de esportes, ao canto, à música, caça, escotismo e religião.

Nas sociedades esportivas, os principais esportes eram a ginástica, o tiro, o bolão, o automobilismo, o tênis, o ciclismo, a vela, a natação, o pólo aquático, o nado sincronizado, o salto ornamental, o remo e muitos outros (ROCHE, 1969). Era perfeitamente possível existir num mesmo clube a prática de mais de um esporte, como é o caso do Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre (GPA), onde encontramos na sua diretoria comissões de remo, natação, saltos ornamentais e o pólo aquático (HOFMEISTER, 1978).

O princípio fundamental era o de preservar a memória da velha pátria. A pátria poderia ser compreendida como sendo os diversos reinos da Europa Central de origem germânica formadores

do futuro Estado alemão ou a Alemanha, unificada no final do século XIX. Esse passado histórico era mencionado constantemente. As lutas, as dificuldades e o trabalho que as famílias de imigrantes encontraram para se estabelecer no Brasil (ROCHE, 1969). Um passado heróico que contagiava e fortalecia o “espírito” da etnia teuto-brasileira.

A transmissão dessas e de outras informações eram feitas através da língua alemã. O alemão predominava nas conversações entre as pessoas, como ainda hoje acontece dentro das colônias teuto-brasileiras, e nos documentos escritos, incluindo atas de diretoria, livros caixa, informativos, revistas e deliberações internas. Até o final da Primeira Guerra Mundial, quando o Brasil declara guerra a Alemanha, o nome dessas associações eram escritas no alemão, depois disso, as palavras estrangeiras que nomeassem clubes, fábricas e outras instituições, foram transformadas, obrigatoriamente, para o português.

Já o “Turnen”, da mesma forma que o associativismo, também representou uma forma de preservação da identidade étnica nas sociedades esportivas. Essa “filosofia esportiva” foi trazida para o Brasil junto com os imigrantes alemães. Ela foi incorporada na fundação dos clubes e associações esportivas e ficou mais conhecida sob a denominação geral de “ginástica”, principalmente, nos clubes que se dedicavam a prática de ginástica em aparelhos e solo. Foi, também, nesses locais onde suas idéias foram absorvidas com maior intensidade.

Seu significado estabelecia uma noção mais abrangente para “ginástica”. Desde suas origens, incorporava outros tipos de exercícios e práticas esportivas que visassem o disciplinamento, o engrandecimento, o fortalecimento moral e corporal do praticante com motivos sociais e políticos bem definidos.

O “Turnen” foi desenvolvido no final do século XVIII e início do XIX, antes da unificação da Alemanha, por Friedrich Jahn. Seus objetivos políticos eram, portanto, o de combater e expulsar os franceses do território dos reinos germânicos e unilos em um só reino. Baseava-se em noções kantianas e fichtianas de uma atividade física preocupada não somente com o corpo e a saúde, mas: “com a ação moral, cuja primeira função era aquela de assegurar a existência e a independência de uma comunidade nacional” (GRIFFI, 1989 citado por TESCHE, 1996, p.42). Essa ação política firmava-se na educação da juventude:

(...) a ginástica de Jahn está intimamente ligada à idéia de arregar o povo na luta contra Napoleão. Os exercícios de ginástica subordinam-se à finalidade de preparo militar e à educação da consciência de ser um povo alemão (NEUMANN, 1968 citado por TESCHE, 1996, p.35).

De acordo com a citação, sua função essencial era o de consolidar um sentimento coletivo, nacionalista, em uma sociedade cujos grupos estavam desarticulados. Isso seria possível porque acreditava-se que a atividade física, praticada de acordo com critérios semelhantes a uma filosofia de vida, seria capaz de fortalecer moralmente e fisicamente um povo e torná-lo vencedor. Esses critérios baseavam-se na simplicidade da vida, recusa de prazeres e divertimentos que não convinham a virtude, disciplina, obediência, dedicação, repetição, treinamento, busca da perfeição, competitividade, etc.

Toda essa ação moralizante proporcionaria um efeito coletivo, pois, segundo Ulmann, “a atividade física termina transformando-se em um instrumento insubstituível de uma ação moral que deve levar à constituição de uma sólida comunidade nacional, assumindo um caráter coletivo” (GRIFFI, 1989 citado por TESCHE, 1996, p.42). Esse sentimento fomentou, portanto, a luta pela expulsão dos franceses, consolidou as bases para a formação do Estado Alemão no final do século e deu origem a uma nova concepção de ginástica:

(...) não é mais somente a condição de saúde ou de espécie de higiene moral, mas torna-se o instrumento indispensável de uma ação moral, cuja primeira função era aquela de assegurar a existência e a

independência de uma comunidade nacional (GRIFFI, 1989 citado por TESCHE, 1996, p.42).

Nesse período, o “sentimento alemão” foi tematizado por diversos autores, na música, na poesia, etc. Isso fez parte de um contexto de caráter mundial em que o pensamento nacionalista era trabalhado em diversos países da Europa, favorecendo, inclusive, movimentos de independência na América. Esse nacionalismo, como vimos no capítulo anterior, fez parte do desenvolvimento do capitalismo nessas regiões e resultou na formação dos Estados-nação na passagem do século XIX e XX. A saída de imigrantes da Europa também fez parte desse processo, significando a consolidação de relações de trabalho assalariado e de pequenas unidades produtivas na América. No Rio Grande do Sul, isso aparece a partir da formação das primeiras colônias de imigrantes alemães.

O imigrante alemão que veio para o Rio Grande do Sul trouxe consigo suas tradições e fez questão de não perder sua identidade étnica. Encontrou, no Brasil, um outro contexto cultural e precisou se adaptar. Para isso, as associações representaram um mecanismo de preservação étnica de suas origens. O “Turnen” também veio com o imigrante e continuou proporcionando a aglutinação étnica; porém seu significado político passou a ser diferente daquele dos Reinos germânicos. Para o teuto-brasileiro era possível preservar tradições de origem alemã e permanecer identificado com o Estado brasileiro (GERTZ, 1994).

O nacionalismo alemão resulta, principalmente, da fidelidade a cultura do que ao Estado alemão. A fidelidade a língua, ao “Geist” ou espírito alemão dão um valor muito maior a etnicidade do que a cidadania alemã (GERTZ, 1994). Na tradição alemã, a condição de nacionalismo configura uma condição humana desvinculada da condição de cidadania:

O nacionalismo alemão como os demais nacionalismos que derivaram e se orientaram pela mesma raiz ideológica conceberam a nacionalidade desvinculada da cidadania. A sociedade nacional não é referenciada por nenhum estado específico. O autodefinir-se como alemão não significa declarar-se comprometido com a Alemanha como estado (RAMBO, 1994, p.49).

O ginasta alemão tem o direito de festejar o pai da ginástica alemã, porque sempre foram as sociedades de ginástica que conservaram sobre os mares e a terra a fidelidade a sua pátria mãe. A herança que Jahn deixou, as sociedades de ginástica, tem associados que

não são mais alemães de direito político, mas de sangue dedicados e protegidos. Eles assumiram a obrigação de formar seus descendentes como gente sábia no físico e no espírito, os quais poderão preencher até o último lugar onde Deus os colocou. O espírito de Jahn sempre permaneceu vivo, o espírito de Jahn ajudou para não deixar esfriar o amor à pátria-mãe e, também, a nova pátria (TESCHE, 1996, p.78).

No entanto, essa condição é considerada problemática para o Estado brasileiro. Principalmente, a partir da década de 30, com o governo de Getúlio Vargas, as colônias teuto-brasileiras dificultam o desenvolvimento de um projeto de construção da identidade nacional brasileira. A situação agrava-se, ainda mais, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, tendo a Alemanha como uma das suas protagonistas (GERTZ, 1991).

Nesse período, a tradição luso-brasileira é utilizada como modelo de Estado e identidade nacional, passando a ser difundida para todas as regiões do país. Isso resultou no choque com a cultura alemã das sociedades teuto-brasileiras. O referencial identificador da tradição luso-brasileira

parte do princípio “jus soli”, onde a prática do cidadão é aquela onde o indivíduo nasce e vive. Segundo esse princípio, é inconcebível que uma pessoa possa viver no Brasil e autoproclamar-se “alemão”. O teuto-brasileiro parte da idéia do “jus sanguinis”, onde a tradição e a herança possibilitam ao indivíduo considerar-se alemão em qualquer lugar do mundo, sem estar, contudo, obedecendo ao Estado alemão (RAMBO, 1994). A concepção de cidadania brasileira para o teuto-brasileiro permite o cultivo da língua, das artes, dos hábitos, dos costumes e da história do(a) “volks” etnia alemã (SEYFERTH, 1994).

As associações esportivas tiveram, portanto, que se adaptar às condições impostas pelo Estado brasileiro e tomar uma posição definida na sociedade. Isso aconteceu porque os esportes, a partir do século XIX, revelaram não serem uma simples ação mecânica, mas também através de suas formas de organização, regras e conceitos, a constituição da visão de mundo de uma sociedade ou de um grupo social num determinado período e com aspectos sociais e políticos característicos de um contexto histórico.

Políticas nacionalizadoras na educação e nos desportos no governo Getúlio Vargas

A partir da década de 30, o Brasil passa por um processo de mudanças. O governo de Getúlio Vargas, iniciado em 1930, leva adiante um projeto de desenvolvimento de forças produtivas, de construção e integração de uma identidade brasileira. Ocorrem mudanças na legislação trabalhista, na participação política e na constituição de uma cidadania brasileira, de forma a estender direitos e deveres para uma maior parcela da população.

Percebe-se, nessas mudanças, o Estado assumindo um caráter nacionalizador de instituições e grupos sociais, segundo os critérios do capitalismo da Segunda Revolução Industrial. O papel do Estado nesse processo foi observado em inúmeros países da Europa e da América, a partir do século XIX, utilizando-se, principalmente, da alfabetização em massa como veículo de aperfeiçoamento do trabalhador e transmissão do ideário nacional.

Dessa forma, são realizadas, no Brasil, modificações na legislação educacional, criando uma política nacional de educação e desporto mais organizada e estruturada, com o objetivo de suprimir diferenças regionais. Entre essas diferenças,

estava a questão étnica das colônias de imigração, por exemplo, as de origem teuto-brasileira localizadas no Rio Grande do Sul.

A identidade teuto-brasileira cultuada em sociedades esportivas de origem teuto-brasileira representava um empecilho para construção da identidade nacional. É interessante acrescentar a importância dos esportes na questão nacional, no Brasil. O desporto estava, conforme os critérios do Estado e da legislação da época, subordinado a educação e teve, portanto, um papel fundamental na construção da identidade brasileira:

Na perspectiva nacionalista, oficializada no período de Getúlio Vargas, o esporte se encontrava privilegiado como modelador moral e cívico do povo, ocupando lugar de destaque na pauta de preocupações do Ministério de Gustavo Capanema. Na Constituição de 1937, tornavam-se obrigatórias as aulas de Educação Física nas escolas de primeiro e segundo grau. Surgiram iniciativas como a criação da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro (1939) (SILVA, 1997, p.64).

Conforme vimos, o governo brasileiro também encarava o esporte como portador de um significado político. Seu objetivo transcende o técnico e o fisiológico, englobando uma intencionalidade social como transmissor e divulgador de um conjunto de idéias patrocinadas pelo Estado. A “moldagem” não ocorre simplesmente no físico, mas, também, no “espírito” e na moral do indivíduo.

Os desfiles da Semana da Pátria são um exemplo, perfeito, do objetivo cívico do esporte, ao encontramos a participação organizada e marcial das sociedades esportivas, mostrando seus esportes característicos.

O esporte fortalece o corpo e, portanto, fortalece a Pátria. É um exemplo de força, disciplina, obediência, juventude e integração. Essa mesma perspectiva é percebida em outros países, a partir do momento em que ocorre o desenvolvimento de idéias nacionalistas e a atividade esportiva passa a ser associado um caráter nacional e identitário.

Nota-se perfeitamente, na FIGURA 1, o posicionamento dos remadores uniformizados postos “em forma”, carregando seus remos, seguindo as bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Sul e do Clube (GPA). Vê-se mais ao fundo, o desfile de outro clube de remo, graças a cor diferente de suas pás.



FIGURA 1 -Desfile dos remadores do Guahyba-Porto Alegre nas comemorações cívica do “Dia de Bandeira”, em 1937 (GPA, 1938).

Portanto, as medidas adotadas pelo Estado no campo dos Desportos visavam a “brasilianização” das sociedades esportivas. Os aspectos étnicos trabalhados precisavam ser superados por uma única e legal forma de identidade. Nesse aspecto, inclusive não apenas as sociedades de origem teuto-brasileira, mas também as italianas, etc.

Observamos essa política no Decreto-Lei no.3199, que organiza o Conselho Nacional de Desportos (1941), destinando-o a: “orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo país” (SILVA, 1997, p.65). Essa legislação obriga as

sociedades esportivas a constituírem suas diretorias exclusivamente com cidadãos brasileiros, restringindo participação dos estrangeiros na administração do clube. Determina a padronização e nacionalização das expressões utilizadas na prática esportiva. Esse fator foi um duro golpe, já que a questão da língua alemã para as comunidades teutas tem um caráter de preservação cultural. Além disso, a sociedade precisava deixar bem claro sua posição favorável em relação a pátria (Brasil). Ao determinar uma função de caráter patriótico, o decreto deixa implícito para a associação o seu papel educativo:

CAP. VII - Das regras, símbolos e expressões desportivas.

Art. 15 - Será constituída pelo Ministro da Educação e Saúde uma comissão de especialistas que estude e organize um plano de nacionalização e uniformização das expressões usadas nos desportos.

CAP. IX - Disposições gerais e transitórias

Art. 48 - A entidade desportiva exerce uma função de caráter patriótico.

Art. 51 - As diretorias das entidades desportivas serão compostas de brasileiros natos ou naturalizados; os seus conselhos deverão constituir-se de dois terços de brasileiros natos ou naturalizados, pelo menos.

Parágrafo Único - Poderá o Conselho Nacional de Desportos abrir exceção para o estrangeiro radicado no país com relevantes serviços prestados à comunidade brasileira em geral ou aos desportos nacionais em particular.

Art. 52 - Só poderão ser contratados técnicos estrangeiros em desportos com autorização do Conselho Nacional de Desportos (SILVA, 1997, p.65).

Através de posicionamentos como esse, o governo obrigou os clubes e associações esportivas do país a tomarem um posicionamento em relação a sua “brasildade”. O fato de existir sociedades cultuando tradições estrangeiras não agradava o Estado, principalmente no final da década de 30, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial:

Era inaceitável para os porta-vozes do nacionalismo brasileiro a reivindicação teuto-brasileira, ou seja, o desejo de plenos direitos de cidadania e a promessa de obediência ao Estado e às leis do Brasil, embora

conservando-se a identidade étnica alemã. A situação era ainda mais complexa do que parece em vista da intensa disseminação de teorias racistas e de políticas nacionalistas em germanidade, as associações, entre elas o Turnerbund, eram visadas pelo nacionalismo brasileiro como instrumentos do pangermanismo (SILVA, 1997, p.51).

A existência de um elevado número de clubes esportivos e outras sociedades, compostos por estrangeiros e descendentes, preservando uma cultura diferente da brasileira, estava contra as tentativas do Estado de implantar uma identidade nacional, além de colocar em risco a soberania e a segurança da Nação. A exemplo do Turnerbund (atualmente, SOGIPA) outras sociedades esportivas tiveram especial atenção das autoridades da época.

Quanto aos clubes de remo, encontramos a participação dos interventores federais Cordeiro de Farias e Ernesto Dornelles e do Secretário da Educação Coelho Neto em regatas e competições promovidas pela Liga Náutica Rio Grandense, mais tarde denominada Federação Aquática do Rio Grande do Sul (FARGS). Essas regatas eram organizadas de forma a demonstrar a adesão das sociedades de remo quanto a política nacionalizadora do governo. Havia a preparação de uma cerimônia cívica, com hasteamento da bandeira nacional e toque do hino nacional. A competição era dividida em páreos classificados com o tipo de embarcação utilizada. Cada páreo tinha uma premiação específica de acordo com a autoridade ou instituição homenageada. Encontramos páreos em honra a Getúlio Vargas, aos interventores federais acima citados, secretários de governo e altos oficiais militares.



FIGURA 2 - Autoridades no campeonato gaúcho (1943): (esquerda para direita) o comandante da 3a. RM general Valentim Benício da Silva, o interventor federal coronel Ernesto Dornelles e o presidente da FARGS, capitão Darci Vignoli (HOFMEISTER, 1978).



FIGURA 3 - O interventor federal coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, em 1942 visitou os clubes náuticos. Visita à rampa do Grêmio Náutico União (HOFMEISTER, 1978).

Também encontramos, nos programas de regatas oficiais, um exemplo importante da relação entre os clubes de remo e as autoridades do período Vargas. Além das fotografias dessas autoridades impressas na capa dos programas, encontramos frases que nos esclarecem muito bem o cuidado dado por essas aos esportes e aos clubes de remo, confirmando a importância e o esforço despendido aos esportes no processo nacionalizador:

O Desporto é uma escola de coragem, exercitativos no Remo. Remar é fortalecer o organismo. Quem o faz torna-se disciplinado, com o caráter firme e a alma nobre. Fazei os desportos pela pátria. Getúlio Vargas (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS, 1939).

O Esporte Náutico tem sido a vanguarda de todas as minhas iniciativas cívicas. E dele me servirei, no futuro, para tudo que necessitar. Cordeiro de Farias [Interventor Federal do Rio Grande do Sul] (FEDERAÇÃO AQUÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL, 1942).

O Desporto Náutico tem sido a pedra angular de campanha cívica em nosso Estado. Cordeiro de Farias
[...]Impulsionar e difundir, o mais largamente possível, os esportes é obra de sábia brasilidade. Antônio Brochado da Rocha [Prefeito de Por-

to Alegre] (FEDERAÇÃO AQUÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL, 1943).

Incentivar e desenvolver os esportes é obra de sadio patriotismo. Getúlio Vargas.

[...]Dá virá em que se há de reconhecer a grandeza dos serviços que os Clubes de Remo estão prestando ao Brasil. Olavo Bilac (Junho, 1900) (FEDERAÇÃO AQUÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL, 1945).

Discípulos das ondas, sede como os vossos mestres, perseverantes na energia, incansáveis na vigilância, discretos nos segredos, solidários nas resoluções e disciplinados, e a Pátria contará convosco nos dias de bonança, como o mar conta com as ondas que, harmoniosamente, murmuram cantos ao longo das praias brancas, e na hora do afronta terá em vós o que tem nos vagalhões o oceano, quando assoma a procela e os raios o flamegam. Coelho Neto. [Secretário da Educação do Rio Grande do Sul] (NETO citado por REGO, 1948).

Esses exemplos demonstram a importância dos esportes, particularmente, do remo para as autoridades da época. É interessante salientar que o GPA manifestou, claramente, sua posição favorável a política nacionalizadora do Estado brasileiro.

O nacionalismo nas revistas esportivas

As revistas esportivas publicadas pelo Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre (GPA) tinham um discurso de significado social e político, além do caráter técnico, corporal e informativo. Encontram-se nelas aspectos de identificação étnica teuto-brasileira e o posicionamento político do Club em relação ao nacionalismo brasileiro desenvolvido, principalmente, no governo de Getúlio Vargas.

Esses elementos de identidade étnica aparecem na revista, principalmente através de trechos escritos em língua alemã e da constante retomada ao passado das primeiras gerações de imigrantes, do esforço empregado para vencer as dificuldades da nova pátria e do idealismo em trabalhar para produzir riquezas e vencer. As virtudes e os valores morais dos antepassados são lembrados, principalmente, para as novas gerações compreenderem o significado do trabalho e da união necessárias para se atingir uma vida mais saudável. Isso acontece, especialmente, nas revistas do GPA, quando se trata da história do clube:

Alicerçada nos costumes e nas tradições, concretizada pelos hábitos e as normas da mocidade, ahí está, em sua permanência de zelo, em sua segurança de idealismo, a obra dos pioneiros dos desportos aquáticos. [...] Cincoenta anos já perpassaram, em que três gerações se empenhavam e empenham na prática de um desporto benéfico para a saúde do corpo, para o fortalecimento do carácter, para a higiene e para a purificação do espírito. Não foi, certamente, por mera necessidade physica, por uma satisfação biológica, que elas se dedicavam e dedicam aos exercícios do remo e da natação. Assim fizeram e fazem, pela compreensão nítida de que só um corpo forte e sadio pode abrigar uma alma sã e boa e pode auxiliar a mente em suas locubrações espirituas. [...] Compreender o desporto aquático, não como preocupação materializante, dissolvente ou nivelador de caracteres, mas como uma columna mestre de elevação moral e força creadora de uma personalidade superior, eis o que nos ensinou a geração primeira (HUERTA, 1938, p.3).

Já a necessidade do Club de tomar um posicionamento nacionalista nas revistas se deve ao fato de pertencer ao conjunto de sociedades esportivas de origem teuto-brasileira, que associavam à prática do esporte o fortalecimento de valores e laços sociais e de identidade étnica, contrariando a

política de Getúlio Vargas de promoção da nacionalidade e da identidade brasileira. Portanto, tornou-se importante para a comunidade do GPA esclarecer sua posição quanto a sua identidade. Nas revistas aparecem referências de exaltação e compromisso com a Pátria (Brasil), bem como com suas instituições:

Remae e nadae para a grandeza da Pátria. (O BIGUÁ, 1930)

E nós aquáticos do Rio Grande, pequena parcela dessa lavoura de saúde, sentimo-nos nesta data, orgulhosos da parte que nos coube em tão gigantesca obra. Meio século de remo no Brasil, representa meio século de trabalho insano, produtivo, pela saúde, pelo vigor, pela virilidade da raça! E representa mais ainda, educação moral, educação cívica, firmeza de carácter, escola de cavalheirismo, de urbanidade, de sentimentos elevados; representa esforço coletivo, sociabilidade, solidariedade. [...] Brilhantes e gloriosos centros de canoagem do Norte, Centro e Sul desse 'impávido colosso', co-irmãos do sport nobre, do sport do sacrifício e do desconforto e por isso mesmo, dos fortes e dos desprendidos, nessa data faustosa para a aquática nacional, o remo gaucho, bandeirante do remo brasileiro, saúda-vos! (VIGNOLI, 1938, p.15).

O GPA deixa claro, em diversos trechos, seus objetivos nacionalistas ao defender a prática esportiva como um meio de construção e fortalecimento de um corpo e um "espírito" forte, de moral e atitudes elevadas para o engrandecimento da nação. Dessa forma, o esporte ultrapassa a preocupação com a saúde física do corpo, atuando nas esferas morais, psicológicas e, sem dúvida, políticas do indivíduo. A atividade física é vista como uma ação educativa destinada, principalmente, à juventude, temperando seu caráter, a partir do exemplo dos antepassados, para a prestação de serviços à Pátria e respeito as autoridades:

É tempo de se pensar em reagir contra essa falsa interpretação da finalidade do desporto e contra esse fanatismo exaltado que se creou pelos matchs de foot-ball, cabendo aos que estão á direcção dos movimentos desportivos orientar a juventude na compreensão de que o desporto é uma escola de educação destinada a fazer atletas e também cavalheiros, um meio de educação physica no seu mais amplo sentido e

não uma finalidade a que se deva subordinar tudo, inclusive essa elegância moral que o sportmann, por motivo algum, como modelo que deve ser de auto-disciplina e cavalheirismo deve perder (O BIGUÁ, n.5, p.3).

Não é o momento de fazermos a apologia dos desportos aquáticos. Mas é a ocasião em que todos devemos estar compenetrados de sua grandeza e de seu valor como factor preponderante na educação da juventude e como elemento eficiente para a construção de uma nação forte e respeitada. [...] Lealdade para com os adversários, respeito para com as autoridades, consideração para com o público, são as mais bellas affirmativas do valor moral do athleta. A educação physica é um processo de aperfeiçoamento de qualidades moraes, de formação de mentalidades, de aquisição de tempera de character (HUERTA, 1938, p.3).

Dessa forma, para que haja uma nação forte, é necessário que ela seja construída sob alicerces fortes. A juventude esportiva representa essa base e assume o compromisso com a pátria, com seu grupo social e com seus antepassados de construir uma nação modelada nos valores morais e “espirituais” desenvolvidos com a prática do esporte.

O Estado brasileiro quer uma nação forte. Uma nação forte é aquela que tem um Estado forte, que está presente na vida das pessoas, desenvolvendo um projeto nacional. Esses princípios estão profundamente relacionados com os esportes e neste caso com o remo, servindo de ação educativa para indivíduos inseridos numa nova ordem política. É importante lembrar que essa nova ordem política corresponde ao período de superação de princípios liberais em crise por uma postura interventora e centralizadora do Estado.

O remo caracteriza-se pelo conjunto e sincronia de movimentos dos componentes de uma embarcação. São valorizados princípios como a força, a união, a camaradagem, a resistência e a superação das dificuldades, visto que o desconforto da remada caracteriza esse esporte. O respeito pela autoridade da embarcação representada pelo “voga”, o primeiro remador de trás para frente, pelo “patrão” ou timoneiro, aquele que “dirige” o barco, e pelo técnico, autoridade máxima, é muito importante, especialmente naquela época.

Si o sport do remo trouxesse aos jovens collegiais unicamente fortalecimento corporal ou dos órgãos internos, um descanso após fadigas

espirituas, já que isto seria o bastante para ser entusiasticamente acolhido. Outros predicados bem mais elevados, porém, o remo lhes representa: genuína escola de camaradagem, energia, força de vontade e lealdade. [...] Existe melhor escola da vontade de character do que a offerecida pela practica do sport remo? Juntamente neste transe de fallencia moral, neste transe tão pobre em seres fortes de character e vontade, é de um todo imprescindível conservar a juventude adolescente no caminho do bem, tornando-a uma geração forte, sã de corpo e sã de alma, para segurar a maior grandeza da Pátria amada. O remo, de sobejo, indica o rumo a seguir! Mens sana in corpore sano (O BIGUÁ, n.6, p.5).

Deves submeter-te, incondicionalmente, ao teu treinador e ser-lhe grato, porque elle indireita os teus ossos tortos (CLUB DE REGATAS GUAHYBA-PORTO ALEGRE, 1938, p.51).

Os valores cultuados nesse esporte representavam aquilo que se esperava do indivíduo em sua vida social. Suas atitudes, suas crenças, seu comportamento individual e social. São idéias consideradas importantes e que acabaram favorecendo o fortalecimento do seu grupo étnico, dentro de uma sociedade de costumes diferentes. A utilização desses valores serviu, num primeiro momento, para o fortalecimento da identidade teuto-brasileira e, mais tarde, para incorporar esse grupo étnico num exigente processo nacionalizador.

Outro valor se percebe nos movimentos sincronizados de uma embarcação, executados sob comandos de voz que nos lembram muito aqueles praticados em instituições militarizadas. A disciplina era considerada um valor essencial para o sucesso do treinamento, que poderia ser específico para competições ou para o lazer, dentro e fora da água. Os hábitos e o comportamento dos praticantes fora do clube eram, também, levados em conta:

A disciplina é methodo, ordem, progresso, dignidade de attitude, firmeza de character e elevação de sentimento (CLUB DE REGATAS GUAHYBA-PORTO ALEGRE, 1938, p.14).

O exercício physico é mais do que uma fonte do prazer; é um estimulante que dá sobriedade e coragem moral aos que o praticam com orientação e methodo (CLUB DE REGATAS GUAHYBA-PORTO ALEGRE, 1938, p.16).

Não debes nem fumar, nem tomar bebidas alcoolicas. Olha sem inveja si outros o fazem. Deves deixar as 'pequenas' em paz. Vae dormir cedo e sonha com outra cousa. Não debes nunca temer os teus concorrentes. Só com biceps não se vencem pareos. Em todas as situações debes permanecer cavalheiro. A força de vontade caracteriza o verdadeiro desportista. [...]Não seas pretencioso, contando actos de bravura em pareos de regata. Na Liga Nautica

estão registradas todas as victórias (CLUB DE REGATAS GUAHYBA-PORTO ALEGRE, 1938, p.51).

Dessa forma, percebemos a extensão do caráter educativo na prática esportiva do GPA. Uma prática que não se limitava a simples ação mecânica de movimentos, mas portadora de um significado simbólico que, no contexto da época, desempenhou um importante papel na integração dos indivíduos às normas políticas vigentes e à constituição de uma identidade nacional.

Conclusão

Os valores propostos pelo discurso das revistas do clube, cuja preocupação estava vinculada com a preservação da identidade étnica teuto-brasileira, tinham um caráter nacionalista. Elas propagavam a importância do fortalecimento físico, mental e moral dos seus esportistas para o crescimento do Brasil. Esses princípios possibilitam entender o esporte como uma atividade que pode ser analisada do ponto de vista social como um mecanismo de identidade, neste caso, étnica e nacional num determinado contexto histórico.

O nacionalismo difundido nas revistas revelam a preocupação social dos dirigentes esportistas. Criado para a prática do remo e de outros esportes aquáticos, o GPA serviu, originalmente, para a afirmação regional da identidade étnica de seus componentes. Mesmo os esportistas que não tinham descendência teuta acabavam aprendendo e se comunicando, dentro do clube, através da língua alemã. A utilização desses códigos étnicos, tanto para o registro das atividades quanto para a conversação, acabou sendo suprimido ao longo dos anos pelo Estado brasileiro a partir da Primeira Guerra Mundial, mas foi durante o Estado Novo que essas restrições apresentaram-se mais fortes.

O Brasil vivia um período de criação e consolidação de sua identidade. A afirmação dessa identidade representava a conquista da hegemonia política pelo Estado implantado na Revolução de 30 no cenário nacional. Ele se apresentava como seu principal agente propagador, interessado no progresso econômico e desenvolvimento político do país. Nesse sentido, mostrou-se necessária a ampliação de sua intervenção na vida das pessoas e na condução política do país. A criação de uma máquina administrativa e de legislações mais complexas foram algumas dessas realizações.

Isso resultou em um posicionamento nacionalista não só do clube, mas de outras sociedades esportistas da época. Era preciso deixar claro para a sociedade em geral o valor de sua "brasilidade". Seus traços étnicos eram muito fortes e representavam um obstáculo e uma ameaça para o Estado ao seu projeto nacionalizador, principalmente, se considerarmos a existência de focos nazistas no país, no período que corresponde a segunda grande guerra.

Dessa forma, o esporte foi palco de importantes manifestações do nacionalismo brasileiro. Como no período estava havendo a construção de uma nova ordem social e política, não só no Brasil como no mundo todo, a valorização de determinados princípios esportivos possibilitavam a conciliação de diferentes grupos e interesses para o mesmo fim. Talvez isso se deva ao caráter agregador e motivador que o esporte desperta nas pessoas.

Segundo Hobsbawn, foi importante o papel assumido pelo esporte como meio de expressão de nacionalidades nas sociedades modernas. Ele representou o rompimento dos espaços existentes entre as esferas públicas e privadas e entre as esferas nacionais e locais:

O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz [...]. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação (HOBSBAWN, 1990, p.171).

A identificação que o esporte proporciona a instituições sociais mais complexas está presente, principalmente, no remo. Nesse esporte, o “espírito” de grupo, de turma ou de conjunto é bastante valorizado. Seus praticantes fazem parte de um todo, representado no barco, onde são obedecidas determinadas regras para a perfeita sincronia dos movimentos e para o bom deslocamento do barco. Nessa perspectiva a idéia de união, força, camaradagem, disciplina e obediência ao principal remador, característicos deste esporte, assemelham-se ao que era proposto a nível social e político no projeto nacional na década de 30. Podemos dizer que ocorreu uma associação desses princípios esportivos com aquilo que o Estado e seus simpatizantes consideravam importantes para a constituição do seu projeto nacional. O Brasil e a pátria passam a ser o barco e os brasileiros seus remadores.

Portanto, pretendo questionar o significado e o desenvolvimento histórico dos esportes ao longo da construção da identidade nacional brasileira. Sem dúvida, o panorama esportivo não foi mais o mesmo a partir do primeiro governo Vargas. Nele, os esportes praticados em clubes, escolas e outras instituições conheceram uma fase de normatização de suas atividades por parte do governo federal. Até esse momento, observa-se um considerável equilíbrio no prestígio e na repercussão dos diferentes esportes entre a população.

Em Porto Alegre, as regatas de remo, as competições de natação, salto ornamental e pólo-aquático, realizadas no Guaíba, bem como as diferentes modalidades do atletismo e outros esportes, mobilizavam grande

número de pessoas para assistir suas competições e exibições. Existem inúmeras fotografias e artigos de jornal da época que comprovam a repercussão promovida por esses eventos junto ao público.

No entanto, atualmente, é o futebol o esporte símbolo da identidade brasileira. A implicação histórica desse prestígio teve início no governo Vargas e continuou nos governos posteriores, principalmente, durante o regime militar. O aumento ocorrido em sua popularidade está relacionado com o papel que este assume no desenvolvimento da construção da identidade nacional.

A utilização das revistas esportivas de um clube de remo como objeto dessa pesquisa significam uma alternativa importante para se compreender o nacionalismo brasileiro e suas implicações históricas, a partir de um esporte que, atualmente, não possui a mesma repercussão social observada no futebol. Muito pelo contrário, com a análise do nacionalismo do governo Vargas, observa-se o auge e o início do desprestígio que caracteriza hoje esse esporte.

Dessa forma, o remo aparece como um importante objeto para se pesquisar uma determinada etapa do desenvolvimento da identidade nacional. Ao congregarem setores da sociedade extremamente identificados com culturas e etnias diferentes da brasileira, proporciona a integração nacional desses grupos a partir das exigências do Estado nacional. Além disso, é um pequeno pedaço da história desse esporte, cujas atividades em clubes, em todo o Brasil, remontam ao final do século XIX e que têm na figura do GPA o seu mais antigo representante brasileiro em funcionamento.

Abstract

The Guahyba-Porto Alegre Regattas Club: the nationalism in sports journals of a Teuto-Brazilian club (1930 and 1938)

The nationalism, characteristic of the between-wars period, 1918-1939, chewed different political and social aspects, which can be verified both in local and global scopes. Therefore, the purposes of this research were to identify the nationalist discourse linked to the rowing practice, from magazines published in 1930 and 1938 by The Guahyba-Porto Alegre Regattas Club (GPA); to analyze the meaning and consequences of this discourse for the GPA's Teuto-Brazilian community and its relationship with national and international contexts, during the between-wars period. The primary source used on this research was obtained through the reference of GPA's bibliographical collection and former rowers' personal archives. We can understand through this work that the nationalism divulged by GPA's journals revealed its directors' concern with the identity affirmation during a period of great oppositions to ethnical identities other than the Brazilian. Founded for the

rowing and others aquatic and terrestrial sports practice, GPA actuated in the moulds of Teuto-Brazilian associativism since its foundation.

UNITERMS: Nationalism; Ethnical identity; Teuto-Brazilians; Associativism; Turnen; Getúlio Vargas; Rowing.

Referências

- CLUB DE REGATAS GUAHYBA-PORTO ALEGRE. *Revista Comemorativa ao 50o. aniversário do Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre (1888-1938)*. Porto Alegre: GPA, 1938.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS. *Programa Oficial do Campeonato Brasileiro de Remo de 1939*. Rio de Janeiro: CBD, 1939.
- FEDERAÇÃO AQUÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL. *Programa Oficial do Campeonato Estadual de Remo de 1942*. Porto Alegre: FARGS, 1942.
- _____. *Programa Oficial do Campeonato Estadual de Remo de 1943*. Porto Alegre: FARGS, 1943.
- _____. *Programa Oficial do Campeonato Estadual de Remo de 1945*. Porto Alegre: FARGS, 1945.
- GERTZ, R. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.
- _____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.
- HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOFMEISTER, C.B. *Pequena história do remo gaúcho*. Porto Alegre: Corag, 1978.
- HUERTA. In: CLUB DE REGATAS GUAHYBA-PORTO ALEGRE. *Revista Comemorativa ao 50o. aniversário do Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre (1888-1938)*. Porto Alegre: GPA, 1938.
- O BIGUÁ. Porto Alegre: Club de Regatas Guahyba, v.1, 1930 (coleção de n. 1-9).
- RAMBO, A.B. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.
- REGO, A.M.A. Escola de disciplina. In: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS. *Programa Oficial do Campeonato Brasileiro de Remo de 1948*. Rio de Janeiro: CBD, 1948.
- ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2v.
- SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.
- SILVA, H.R.K. *SOGIPA: uma trajetória de 130 anos*. Porto Alegre: Palloti, 1997.
- TESCHE, L. *A prática do Turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867-1942*. Ijuí: UNIJUÍ, 1996.
- VIGNOLLI, D. Remo brasileiro. In: CLUB DE REGATAS GUAHYBA-PORTO ALEGRE. *Revista Comemorativa ao 50o. aniversário do Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre (1888-1938)*. Porto Alegre: GPA, 1938.

ENDEREÇO

Marcelo Coertjens
Escola de Educação Física - UFRGS
Laboratório de Pesquisa em Exercício
R. Felizardo, 750 - sala 208
90690-200 - Porto Alegre - RS - BRASIL

Recebido para publicação: 07/04/2003

Revisado: 23/09/2004

Aceito: 04/10/2004